

~~INCENDEIA~~ - ME
~~INCENDEIA~~ - ME

M161i

Mafi, Tahereh

Incendeia-me / Tahereh Mafi ; tradução de Mauricio Tamboni.

– São Paulo : Universo dos Livros, 2020.

448 p. (Estilhaça-me ; 3)

ISBN 978-65-5609-033-7

Título original: *Ignite me*

1. Literatura juvenil norte-americana 2, Distopia - Ficção

I. Título II. Tamboni, Mauricio

20-2516

CDD 813.6

Um

Sou uma ampulheta.

Meus dezessete anos entraram em colapso e me enterraram de dentro para fora. Minhas pernas parecem cheias de areia e grampeadas uma à outra, minha mente afundando em grãos de indecisão e escolhas não feitas e impaciente conforme o tempo escapa do meu corpo. A mãozinha no ponteiro do relógio me dá tapas à uma e às duas, às três e às quatro, sussurrando *Oi, levante-se, fique em pé e é hora de*

acordar

acordar

– Acorde – ele sussurra.

Uma inspiração dura e estou acordada, mas não em pé; surpresa, mas não assustada. De alguma maneira focada nesses olhos desesperadoramente verdes que parecem saber demais, saber bem demais. Aaron Warner Anderson está inclinado sobre mim, suas pupilas preocupadas me inspecionando, sua mão no ar como se prestes a tocar em mim.

Warner se afasta bruscamente.

Me olha fixamente, sem piscar, seu peito subindo e descendo.

– Bom dia – suponho que é o que devo dizer.

Não estou segura da minha voz, da hora do dia, das palavras escapando por meus lábios e desse corpo que me contém.

Percebo que ele está usando uma camisa branca parcialmente enfiada dentro de sua curiosamente amarrotada calça preta. As mangas da camisa estão dobradas até a área acima dos cotovelos.

Seu sorriso parece doer.

Forço-me a sentar-me e Warner se ajeita para me acomodar. Tenho que fechar os olhos para controlar a vertigem repentina, mas forço-me a permanecer parada até a sensação passar.

Estou cansada e enfraquecida pela fome, mas, fora algumas dores gerais, pareço bem. Continuo viva. Continuo respirando, piscando e me sentindo humana, e nem sei direito por quê.

Olho em seus olhos.

– Você salvou a minha vida.

Eu tomei um tiro no peito.

O pai de Warner enfiou uma bala em meu corpo e ainda sinto os ecos daquele momento. Se eu me concentrar, consigo reviver exatamente como aconteceu. A dor, tão intensa, tão excruciante. Jamais conseguirei esquecer.

Inspiro espantada.

Enfim estou ciente da estranheza familiar deste cômodo e rapidamente sou capturada por um pânico que grita para mim que não acordei onde dormi. Meu coração está acelerado e vou me afastando de Warner, encostando a cabeça à cabeceira da cama, agarrando esses lençóis, tentando não olhar o lustre do qual tão bem me lembro...

– Está tudo bem... – ele garante. – Está tudo certo...

– O que estou fazendo aqui? – Pânico, pânico; terror embaçando minha consciência. – Por que você me trouxe outra vez para cá...?

– Juliette, por favor. Eu não vou feri-la...

– Então por que me trouxe para cá? – Minha voz começa a falhar e eu me esforço para mantê-la estável. – Por que me trouxe para esse *buraco do inferno*...?

– Eu precisava escondê-la.

Ele expira, olha a parede.

– O quê? Por quê?

– Ninguém sabe que você está viva. – Vira-se para me observar. – Eu tive que voltar à base. Precisava fingir que tudo havia voltado ao normal e meu tempo estava acabando.

Forço-me a trancafiar meu medo.

Estudo seu rosto e analiso seu tom paciente e sincero. Lembro-me dele ontem à noite – deve ter sido ontem à noite. Lembro-me de seu rosto, lembro-me de senti-lo deitado ao meu lado no escuro. Ele foi carinhoso e doce e bondoso e me salvou, salvou a minha vida. Provavelmente me trouxe para a cama. E me ajeitou ao seu lado. Deve ter sido ele.

Porém, quando olho para o meu corpo, percebo que estou usando roupas limpas, sem marcas de sangue ou buracos ou nada em lugar nenhum e me pergunto quem me deu banho, quem me trocou. Fico preocupada com a possibilidade de ter sido o próprio Warner.

– Você por acaso... – Hesito, tocando a bainha da camisa que estou vestindo. – Você... quero dizer... minhas roupas.

Ele sorri. Encara-me até eu começar a enrubescer e chego à conclusão de que o odeio um pouquinho. Então ele nega com a

cabeça e olha para as palmas das mãos.

– Não – diz. – As meninas cuidaram disso. Eu só a trouxe para a cama.

– As meninas... – sussurro confusa.

As meninas.

Sonya e Sara. Elas também estavam aqui, as gêmeas capazes de curar as pessoas, e ajudaram Warner. Ajudaram-no a me salvar porque agora ele é a única pessoa capaz de me tocar, a única pessoa no mundo capaz de transferir, sem causar riscos, o poder de cura delas para dentro do meu organismo.

Meus pensamentos estão se incendiando.

Onde estão as meninas o que aconteceu com as meninas e onde está Anderson e a guerra e ah meu Deus o que aconteceu com Adam e Kenji e Castle e eu preciso me levantar, preciso me levantar, preciso me levantar, sair da cama e entrar em ação

mas

tento me movimentar e Warner me segura. Estou sem equilíbrio, instável; ainda sinto minhas pernas ancoradas a esta cama, e, de repente, sou incapaz de respirar; vejo estrelinhas e sinto vertigem. Preciso me levantar. Preciso sair.

Não consigo.

– Warner. – Meus olhos apontam freneticamente para o seu rosto. – O que aconteceu? O que está acontecendo na batalha...?

– Por favor – ele responde, segurando meus ombros. – Você precisa começar devagar, melhor comer alguma coisa...

– Me responda...

– Não quer comer primeiro? Ou tomar um banho, talvez?

– Não – pego-me dizendo. – Preciso saber agora.

Um momento. E dois e três.

Warner respira fundo uma vez. Um milhão de vezes mais. Mão direita sobre a esquerda, girando o anel de jade no dedinho uma vez e mais uma e mais uma e mais uma.

– Acabou – diz.

– O quê?

Digo a palavra, mas nenhum som escapa de meus lábios. Estou entorpecida, de alguma maneira. Piscando, mas sem enxergar nada.

– Acabou – ele repete.

– Não.

Expiro a palavra, exalo a impossibilidade.

Warner assente. Está discordando de mim.

– Não – insisto.

– Juliette.

– Não. Não. Não. Não seja idiota – digo a ele. – Não seja ridículo – digo a ele. – *Não minta para mim, seu maldito.* – Mas minha voz é aguda demais e se desfaz e treme. Eu arfo: – Não! Não, não, não...

Dessa vez, realmente me levanto. Meus olhos rapidamente se enchem de lágrimas e eu pisco e pisco, mas o mundo está uma bagunça e eu quero rir, porque só consigo pensar em quão horrível e lindo esse mundo é, que meus olhos embaçam a verdade quando eu não suporto enxergá-la.

O chão é duro.

Sei que isso é um fato, porque, de repente, estou com o rosto no

chão e Warner tenta me tocar, mas acho que grito e dou um tapa em suas mãos, porque ele já sabe a resposta. Eu já devo conhecer a resposta porque posso sentir a repulsa borbulhando e revirando meu interior, mas mesmo assim pergunto. Estou na horizontal e de algum jeito ainda tropeçando, e os buracos na minha cabeça se rasgam e se abrem; eu me concentro em um ponto do tapete a menos de três metros e sequer sei se estou viva, mas tenho de ouvi-lo dizer.

– Por quê? – indago.

São só duas palavras ridículas e simples.

– Por que a batalha acabou? – pergunto.

Não estou mais respirando, não estou falando nada, só vou soltando letras pelos lábios.

Warner não olha para mim.

Ele observa a parede, o chão, os lençóis e a aparência das articulações de seus dedos quando fecha os punhos, mas não olha para mim, recusa-se a olhar para mim, e suas próximas palavras saem tão, tão leves.

– Porque eles estão mortos, meu amor. Todos eles estão mortos.

Dois

Meu corpo trava.

Meus ossos, meu sangue, meu cérebro congelam, capturados em uma espécie de paralisia repentina e incontrolável que se espalha tão rapidamente por mim que sequer consigo respirar. Estou chiando com inalações profundas e forçosas, e as paredes não param de se inclinar à minha frente.

Warner me puxa em seus braços.

– Me solte! – eu grito, mas ah, só na minha imaginação, porque meus lábios pararam de trabalhar, meu coração já parou de funcionar, minha mente foi passar o dia no inferno e meus olhos, meus olhos acho que estão sangrando.

Warner sussurra palavras de conforto que não consigo ouvir e seus braços me envolvem por completo, tentando manter-me onde estou puramente por meio da força física, mas é em vão.

Eu não sinto nada.

Ele tenta me fazer calar, embala-me para a frente e para trás, e só então percebo que estou emitindo o mais excruciante dos ruídos. Percebo a agonia expressada pelo meu corpo. Quero falar, protestar, acusar Warner, culpá-lo, chamá-lo de mentiroso, mas não consigo dizer nada, não consigo formular nada além de ruídos tão lamentáveis, que quase sinto vergonha de mim. Liberto-me de

seus braços, arfando e dobrando o corpo, levando a mão ao estômago.

- Adam - afogo-me em seu nome.

- Juliette, por favor...

- Kenji.

Agora estou alterada no tapete.

- Por favor, meu amor, deixe-me ajudá-la...

- E James? - ouço-me dizendo. - Ele ficou no Ponto Ômega... ele não, não pôde v-vir...

- Tudo foi destruído - Warner admite lentamente, baixinho. - Tudo. Eles torturaram alguns membros do seu grupo até entregarem a localização exata do Ponto Ômega. Depois, bombardearam tudo.

- Ah, Deus.

Cubro a boca com uma das mãos e fico olhando para o teto, sem piscar.

- Eu sinto muito - ele diz. - Você não tem ideia do quanto eu sinto.

- Mentiroso - sussurro, veneno respingando da minha voz. Estou furiosa e irritada, e não perco tempo me importando com isso. - Você não sente coisíssima nenhuma!

Encaro Warner apenas tempo suficiente para ver a dor piscar em seus olhos. Ele raspa a garganta.

- Eu sinto muito - insiste com uma voz baixa, mas firme.

Pega a jaqueta dependurada em um cabide próximo; dá de ombros sem dizer mais nada.

- Aonde você vai? - pergunto, imediatamente me sentindo culpada.

- Você precisa de tempo para processar as informações, e claramente minha companhia não vai ser útil. Vou cuidar de algumas tarefas até você estar pronta para conversar.

- Por favor, me diga o que há de errado. - Minha voz falha. Minha respiração também. - Me diga se existe alguma chance de você estar errado.

Warner passa o que parece ser um bom tempo me encarando.

- Se houvesse sequer a menor chance de poupá-la dessa dor, eu faria justamente isso - enfim diz. - Você deve saber que eu não teria dito uma coisa desse tipo se não fosse a mais absoluta verdade.

E é isso... É a sinceridade de Warner que finalmente me faz rachar no meio.

Porque a verdade é tão insuportável, que eu preferiria que ele me contasse uma mentira.

Não lembro quando Warner saiu.

Não lembro como saiu nem o que falou. Só sei que estou deitada aqui, com o corpo curvado no chão, há tempo suficiente. Tempo suficiente para as lágrimas se transformarem em sal, tempo suficiente para minha garganta secar, meus lábios racharem e minha cabeça latejar com tanta força quanto meu coração.

Lentamente vou me sentando, sentindo o cérebro se repuxar em algum lugar do crânio. Consigo subir na cama e me sentar ali, ainda entorpecida, mas agora menos, e puxo os joelhos para perto do peito.

A vida sem Adam.

A vida sem Kenji, sem James e Castle e Sonya e Sara e Brendan e Winston e todo o pessoal do Ponto Ômega.

A vida sem Adam.

Tento aguentar firme, orar para a dor passar.

Ela não passa.

Adam não está mais entre nós.

Meu primeiro amor. Meu primeiro amigo. Meu único amigo quando eu não tinha ninguém, e agora ele se foi e não sei como me sinto. Estranha, provavelmente. Delirante também. Sinto-me vazia, estilhaçada, traída, culpada, furiosa e desesperadamente, desesperadamente melancólica.

Tínhamos começado a nos afastar desde que escapamos para o Ponto Ômega, mas foi por culpa minha. Ele queria mais de mim, mas eu queria que ele tivesse uma vida longa. Queria protegê-lo da dor que eu causaria. Tentei esquecê-lo, seguir a vida sem ele, preparar-me para um futuro longe dele.

Pensei que me manter distante o manteria vivo.

Menina idiota.

As lágrimas são novas e agora caem rapidamente, viajando em silêncio por minhas bochechas e entrando em minha boca aberta. Meus ombros não param de tremer, os punhos se apertam, meu corpo vai enrijecendo, os joelhos travando e hábitos antigos se arrastam para fora da minha pele; estou contando rachaduras, cores, sons e arrepios. Cambaleando para a frente e para trás, para a frente e para trás, para a frente e para trás, e tenho que deixá-lo ir, eu tenho que deixá-lo para trás, eu tenho que... tenho que

Fecho os olhos... e respiro.

Duramente, dificultosamente.

Inspiro.

Expiro.

Conto.

Eu já estive aqui antes, digo a mim mesma. Já me senti mais solitária do que agora, mais desesperada do que agora. Eu já estive aqui e sobrevivi. Vou passar por essa.

Mas nunca fui tão completamente roubada. Amor e possibilidade, amizades e futuro: adeus. Tenho que recomeçar agora, encarar o mundo outra vez. Tenho que fazer uma escolha definitiva: desistir ou prosseguir.

Então, fico em pé.

Minha cabeça está girando, pensamentos colidindo uns com os outros, mas eu engulo as lágrimas. Fecho os punhos, tento não gritar e empurro meus amigos para dentro do meu coração e

a vingança,

penso eu,

nunca pareceu mais doce.

Três

Agente firme

Segure aí

Erga o olhar

Permaneça forte

Agente firme

Segure aí

Pareça forte

Permaneça em pé

Um dia eu posso estilhaçar

Um dia eu posso

estilhaçar

me libertar

Warner não consegue esconder a surpresa quando volta ao quarto.

Ergo o olhar, fecho o caderno em minhas mãos.

– Vou pegar este caderno de volta – aviso-o.

Ele pisca para mim.

– Então está se sentindo melhor?

Confirmo enquanto olho para trás.

– Meu caderno estava bem aqui, na mesa de cabeceira.

– Sim – ele responde lentamente. Cuidadosamente.

– Vou levá-lo de volta comigo.

– Eu entendo. – Warner continua parado próximo à porta, ainda congelado no mesmo lugar, ainda me encarando. – Você... – Balança a cabeça. – Perdão, mas você vai a algum lugar?

É só então que percebo que já estou a caminho da porta.

– Eu preciso sair daqui.

Warner não fala nada. Dá alguns passos cuidadosos para dentro do quarto, tira o casaco, dobra-o sobre uma cadeira. Puxa três revólveres do coldre em suas costas e leva o tempo necessário para ajeitá-los sobre a mesinha que ainda há pouco abrigava meu caderno. Quando enfim ergue o olhar, traz um leve sorriso no rosto.

Mãos em seus bolsos. Sorriso um pouquinho maior.

– Aonde você está indo, meu amor?

– Tenho algumas coisas para cuidar.

– É mesmo? – Ele apoia um ombro na parede, cruza os braços na altura do peito. Não consegue parar de sorrir.

– Sim.

Agora estou ficando irritada.

Warner espera. Encara. Assente uma vez, como se quisesse dizer “vá em frente”.

– Seu pai...

– Não está aqui.

– Ah.

Tento esconder o choque, mas agora nem sei direito por que me sentia tão certa de que Anderson se encontrava aqui. Isso complica as coisas.

– Você achou mesmo que poderia simplesmente sair deste quarto, bater à porta do meu pai e se livrar dele? – Warner indaga.

Sim.

– Não.

– A mentira tem pernas curtas – Warner anuncia com uma voz leve.

Lanço um olhar fulminante em sua direção.

– Meu pai foi embora – afirma. – Voltou para a capital e levou Sonya e Sara.

Pego-me tão horrorizada que chego a arfar.

– Não pode ser.

Warner não está mais sorrindo.

– Elas estão... vivas?

– Não sei. – Ele simplesmente dá de ombros. – Imagino que estejam, já que são úteis para meu pai em diversas situações.

– Elas estão vivas? – Meu coração acelera tanto que chego a pensar que estou sofrendo um ataque cardíaco. – Preciso trazê-las de volta... Preciso encontrá-las, eu...

– Você o quê? – Warner me inspeciona atentamente. – Como você vai encontrar o meu pai? Como vai enfrentá-lo?

– Não sei! – Agora estou andando de um lado a outro do quarto. –

Mas tenho que encontrá-las. Talvez elas sejam as únicas amigas que ainda me restam neste mundo e...

Fico em silêncio.

De repente, dou meia-volta, coração na garganta.

– E se tiver outros? – sussurro, com muito medo da esperança.

Encontro Warner do outro lado do quarto.

– E se existirem outros sobreviventes? – indago, agora em voz mais alta. – E se estiverem escondidos em algum lugar?

– Parece improvável.

– Mas existe uma chance, não existe? – Estou desesperada. – Se houver até mesmo a menor das chances...

Warner suspira. Passa a mão nos cabelos, esfrega-a atrás da cabeça.

– Se você tivesse visto a devastação que eu vi, não diria coisas desse tipo. A esperança só vai partir seu coração mais uma vez.

Meus joelhos já começaram a querer ceder.

Agarro-me à estrutura da cama, respiração rápida, mãos tremendo. Não sei de mais nada. Na verdade, não sei o que aconteceu ao Ponto Ômega. Não sei onde a capital fica nem como chegar lá. Não sei se conseguirei encontrar Sonya e Sara dessa vez. Mas sou incapaz de afastar essa esperança repentina e idiota de que outros amigos meus de alguma maneira conseguiram sobreviver.

Porque eles são maiores do que isso... mais inteligentes.

– Eles estavam se preparando para a guerra há muito tempo – ouço-me dizer. – Certamente tinham um plano B, um lugar para se esconder...

– Juliette...

– Que droga, Warner! Eu preciso tentar. Você precisa me deixar tentar.

– Isso não é nada saudável. – Ele se recusa a me olhar nos olhos.
– É perigoso, para você, pensar que exista a chance de alguém ainda estar vivo.

Olho para seu perfil forte e firme.

Ele estuda as próprias mãos.

– Por favor – sussurro.

Ele suspira.

– Amanhã tenho que ir aos complexos, ou algo assim, só para olhar mais de perto o processo de reconstrução da área. – Ele fica tenso ao falar. – Perdemos muitos civis. Civis demais. Os que continuaram vivos estão compreensivelmente traumatizados e subjugados, como era a intenção de meu pai. Qualquer última esperança de promover uma rebelião foi arrancada deles.

Uma respiração dificultosa.

– E agora tudo precisa rapidamente voltar à ordem – prossegue.
– Os corpos estão sendo recolhidos e incinerados. As unidades habitacionais danificadas estão sendo substituídas. Os civis, forçados a voltar ao trabalho; os órfãos, mudando-se; as demais crianças, recebendo ordens para irem às escolas do setor. O Restabelecimento não permite que as pessoas tenham tempo para sofrer.

Um pesado silêncio se instala entre nós. Em seguida, Warner continua:

– Enquanto eu estiver analisando os complexos, posso encontrar um jeito de levá-la de volta ao Ponto Ômega. Posso mostrar o que

aconteceu. E aí, assim que você se deparar com as provas, terá que fazer a sua escolha.

– Qual escolha?

– Precisa decidir qual vai ser o seu próximo movimento. Pode ficar comigo... – Hesita por um instante. – Ou, se preferir, posso cuidar para que você viva sem ser encontrada, em algum lugar nas áreas não regulamentadas. Mas será uma existência solitária – fala baixinho. – Você nunca poderá ser descoberta.

– Ah.

Uma pausa.

– Sim – reafirma.

Outra pausa.

– *Ou então...* – agora é minha vez de falar. – Eu saio daqui, encontro e mato seu pai e enfrento sozinha as consequências.

Warner tenta esconder um sorriso, mas é em vão.

Baixa o olhar e ri só um pouquinho antes de me olhar diretamente no olho. Nega com a cabeça.

– Qual é a graça?

– Minha querida.

– *O que foi?*

– Eu esperava esse momento há muito tempo.

– O que quer dizer com isso?

– Você finalmente está pronta – afirma. – Enfim está pronta para lutar.

Sinto um choque atravessar o meu corpo.

– É claro que estou.

Em um instante, sou bombardeada por memórias do campo de batalha; o terror de tomar um tiro para morrer. Não esqueci meus amigos ou minhas novas convicções, minha determinação de fazer as coisas de outro jeito agora. De fazer a diferença. De, dessa vez, realmente lutar, sem qualquer hesitação. Não importa o que aconteça – e não importa o que eu venha a descobrir –, não tenho como voltar atrás. Não existem outras alternativas.

Eu não esqueci.

– Ou eu prospero, ou eu morro.

Warner dá uma risada alta. Parece prestes a chorar.

– *Eu vou matar o seu pai – anuncio. – E vou destruir o Restabelecimento.*

Ele continua sorrindo.

– Eu vou.

– Eu sei – diz.

– Então por que está rindo de mim?

– Não estou – explica. – Só estou me perguntando se você gostaria de contar com a minha ajuda.

Quatro

– O quê?

Descrente, pisco os olhos agitadamente.

– Eu sempre falei que nós dois formaríamos um time excelente – Warner diz. – Sempre falei que estava esperando você se sentir pronta, reconhecer sua raiva, sua força. Espero desde o dia em que a conheci.

– Mas você queria me usar para o Restabelecimento... queria que eu torturasse pessoas inocentes...

– Não é verdade.

– O quê? Do que está falando? Você mesmo me disse...

– Eu menti.

Ele ergue os ombros.

Eu me pego boquiaberta.

– Tem três coisas a meu respeito que você precisa saber, meu amor. – Ele dá um passo adiante. – A primeira é que odeio meu pai mais do que você jamais será capaz de entender. – Raspa a garganta. – A segunda é que sou uma pessoa extremamente egoísta e não tenho vergonha nenhuma disso. Do tipo que, em quase todas as situações, faz escolhas pautadas unicamente por interesse próprio. E a terceira... – Hesita e olha para baixo. Deixa escapar

uma risadinha. – Eu nunca tive intenção nenhuma de usá-la como arma.

Fico sem palavras.

Sento.

Entorpecida.

Warner prossegue:

– Esse foi um esquema sofisticado que criei unicamente para o benefício de meu pai. Eu precisava convencê-lo de que seria boa ideia investir em alguém como você, de que poderíamos usá-la para ganhos militares. E para ser muito, muito sincero, até hoje não sei como consegui. A ideia é absurda. Gastar todo esse tempo, dinheiro e energia para corrigir uma garota supostamente psicótica em nome de seu futuro? – Ele balança a cabeça. – Eu soube, desde o início, que essa seria uma tarefa infrutífera, uma total perda de tempo. Existem métodos muito mais eficazes de extrair informação daqueles que não estão dispostos a entregá-las.

– Então por que... por que você me quis?

Seus olhos estão queimando de sinceridade.

– Eu queria estudá-la.

– O quê? – arfo.

Ele vira as costas para mim. Fala tão baixinho que tenho de fazer esforços para ouvir:

– Você sabia que minha mãe mora naquela casa? – Olha para a porta fechada. – A casa aonde meu pai a levou? Aquela onde ele atirou em você? Minha mãe estava no quarto dela. No final do corredor, onde ele o mantinha.

Eu não respondo, e Warner se vira para me encarar.

– Sim – sussurro. – Seu pai comentou algo sobre ela.

– Ah, é? – Seu rosto de repente parece alarmado, mas ele se apressa em esconder a emoção. – E o que ele falou a respeito da minha mãe? – indaga, esforçando-se para parecer calmo.

– Que ela está doente – relato, odiando-me pelo tremor que se espalha no corpo dele. – Que ele a mantém aqui porque ela não se sente bem nos complexos.

Warner encosta o corpo na parede, parecendo precisar de apoio. Respira dificultosamente.

– Sim – finalmente diz. – É verdade. Ela está doente. Ficou doente de modo muito repentino. – Seus olhos se concentram em um ponto distante, em outro mundo. – Quando eu era criança, ela parecia perfeitamente bem. – Gira e gira e gira o anel de jade em seu dedo. – Mas aí, certo dia, minha mãe simplesmente... desmoronou. Por anos, briguei com meu pai para buscar tratamento, para encontrar uma cura, mas ele nunca se importou. Eu me vi sozinho em minhas tentativas de encontrar ajuda para ela e, por mais que eu me esforçasse para conversar com os médicos, nenhum deles podia cuidar dela. Ninguém... – Agora ele praticamente nem respira. – Ninguém sabia o que havia de errado com a minha mãe. Ela vive em um estado constante de agonia, e eu sempre fui egoísta demais para deixá-la morrer.

Warner ergue o olhar antes de prosseguir:

– E aí ouvi falar de você. Ouvi histórias a seu respeito, rumores. E, pela primeira vez, senti esperança. Eu queria ter acesso a você, queria estudá-la. Queria conhecê-la e entendê-la antes de todos os outros. Porque, segundo todas as minhas pesquisas, você era a única pessoa da qual eu já ouvira dizer que talvez pudesse me oferecer respostas sobre a condição da minha mãe. Eu estava

desesperado, disposto a tentar qualquer coisa.

– O que quer dizer com isso? – pergunto. – Como alguém como eu poderia ajudá-lo nessa situação com a sua mãe?

Seus olhos encontram os meus, brilham cheios de angústia.

– Porque, meu amor, você não pode tocar em ninguém. E ela, ela não pode ser tocada.

Cinco

Perdi a capacidade de falar.

– Eu enfim entendo a dor da minha mãe – Warner enuncia. – Enfim entendo como deve ser para ela. Por causa de você. Porque pude ver o que essa situação lhe causava, ou melhor, causa. Percebi o que é carregar esse tipo de fardo, existir com tanto poder e viver entre aqueles que não entendem.

Warner inclina a cabeça de volta na direção da parede, esfrega as mãos nos olhos e prossegue:

– Ela, assim como você, deve se sentir como se existisse um monstro em seu interior. Porém, diferentemente de você, no caso da minha mãe, a única vítima é ela própria. É incapaz de viver consigo mesma. Não pode ser tocada por ninguém, nem mesmo por suas próprias mãos. Nem para afastar os cabelos da testa ou fechar os punhos. Tem medo de falar, de mexer as pernas, de alongar os braços, mesmo para se ajeitar em uma posição mais confortável, simplesmente porque a sensação de sua pele esfregando na própria pele lhe causa uma dor excruciante. – Baixa as mãos e diz com uma voz estável: – Parece que alguma coisa no calor do contato humano desencadeia um poder terrível e destrutivo existente dentro dela e, como ela é ao mesmo tempo a causadora e a receptora da dor, de alguma maneira, é incapaz de se matar. Então, existe como prisioneira dos próprios ossos, incapaz

de escapar dessa tortura que inflige em si.

Meus olhos queimam. Pisco-os agitadamente.

Passei tantos anos pensando que minha vida era difícil. Pensei que entendia o que significava sofrer. Mas isso? É algo que sequer posso começar a entender. Nunca parei para pensar que outra pessoa pudesse viver em uma situação ainda pior que a minha.

O que me faz sentir vergonha por ter tido tanta pena de mim.

– Por muito tempo, pensei que ela só estivesse... doente – Warner continua. – Pensei que tivesse desenvolvido algum tipo de doença que atacasse seu sistema imunológico, alguma coisa que tornasse sua pele sensível e dolorosa. Imaginei que, com o tratamento adequado, minha mãe enfim ficaria curada. Mantive a esperança até perceber que anos tinham se passado e nada havia mudado. A agonia constante começou a destruir sua estabilidade mental. Até que ela desistiu da vida. Deixou a dor soterrá-la. Passou a se recusar a sair da cama ou se alimentar com regularidade. Deixou de se importar com a higiene básica. E a solução do meu pai foi drogá-la. Ele a manteve trancada naquela casa sem ninguém além de uma enfermeira para fazer companhia. Agora é viciada em morfina e perdeu completamente a cabeça. Sequer me reconhece mais. Ela não me reconhece. E as poucas vezes que tentei tirá-la das drogas... – Agora baixa a voz. – Ela tentou me matar.

Fica um instante em silêncio, parecendo ter se esquecido de que ainda estou no quarto. Enfim diz:

– Minha infância foi quase tolerável às vezes, só por causa dela. E, em vez de cuidar da minha mãe, meu pai a transformou em algo irreconhecível. – Ergue o olhar e ri antes de prosseguir: – Pensei que, se eu fosse capaz de encontrar a raiz do problema... imaginei

que pudesse fazer alguma coisa, pensei ser capaz de... – Contém-se. Arrasta a mão no rosto. – Não sei – sussurra. Vira o rosto. – Mas nunca tive nenhuma intenção de usar você contra a sua vontade. Essa ideia nunca me pareceu interessante. Eu só precisava manter o fingimento. Meu pai, entenda, não aprova o fato de eu me interessar pelo bem-estar da minha mãe.

Ele abre um sorriso estranho, repuxado. Olha na direção da porta. Dá risada.

– Ele nunca quis ajudá-la. Minha mãe é um fardo do qual ele sente nojo. Meu pai pensa que, ao mantê-la viva, está fazendo um grande ato de generosidade pelo qual eu deveria me sentir grato. Ele pensa que isso deve ser o bastante para mim, essa coisa de ser capaz de ver minha mãe se transformar em uma criatura feral tão completamente consumida pela própria agonia, a ponto de ficar fora de si.

Passa a mão trêmula pelos cabelos, agarra a própria nuca e fala baixinho:

– Mas não foi. Não foi o suficiente. Eu fiquei obcecado por tentar ajudá-la. Por trazê-la de volta à vida. E eu queria sentir... – Agora fala direto comigo, olhando-me nos olhos. – Eu queria saber como seria enfrentar uma dor assim. Queria saber o que ela vivia todos os dias. Nunca tive medo do seu toque. Aliás, eu o recebia com prazer. Tinha tanta certeza de que você em algum momento me atacaria, tentaria se defender de mim. E eu esperei ansiosamente esse momento. Mas você nunca me tocava... – Nega com a cabeça. – Tudo o que li em seus arquivos me dizia que você era uma criatura violenta e descontrolada. Eu esperava que fosse um animal, alguém que tentasse me matar e matar os meus soldados na primeira oportunidade, alguém que precisava ser observada de perto. Mas você me desapontou por ser humana demais, amável demais. Tão

insuportavelmente ingênua. Você não reagia.

Seus olhos estão desfocados, tomados por memórias.

– Você não reagia diante das minhas ameaças. Não respondia àquilo que importava. Agia como uma criança insolente. Não gostava de suas roupas, não comia sua comida requintada.

Warner ri alto e vira os olhos, e de repente esqueço minha compaixão.

Sinto-me tentada a jogar alguma coisa nele.

– Você ficou tão irritada – diz. – Porque eu pedi para você colocar *um vestido*. – Olha para mim com olhos iluminados, bem-humorados. – Lá estava eu, preparado para defender a própria vida contra um monstro descontrolado e capaz de matar, matar um homem com as próprias *mãos expostas*... – Engole outra risada. – E você teve um ataque por causa de roupas limpas e refeições quentinhas. Ah... – diz, olhando para o teto e negando com a cabeça. – Você foi ridícula. Foi completamente ridícula, e aquelas imagens foram os melhores momentos de entretenimento que já tive na vida. Sou incapaz de dizer o quanto gostei. Adorei deixá-la furiosa. – Seus olhos parecem maldosos. – Adoro deixá-la nervosa.

Estou segurando um de seus travesseiros com tanta força que chego a ficar com medo de rasgá-lo. Lanço um olhar fulminante para Warner.

Ele ri de mim.

– Fiquei tão distraído – continua, ainda rindo. – Sempre quis passar tempo com você. Fingir que planejava coisas para o seu suposto futuro com o Restabelecimento. Você sempre foi inofensiva e linda, e sempre gritou comigo. – Agora está com um sorriso enorme nos lábios. – Meu Deus, você gritava comigo até

mesmo pelas menores coisas – comenta, lembrando. – Mas nunca encostou a mão em mim. Nem uma vez sequer, nem mesmo para salvar a própria vida.

Seu sorriso se desfaz.

– Aquilo me deixava preocupado. Me causava medo pensar que estava pronta para se sacrificar antes de usar suas habilidades para se defender. – Uma respiração. – Então, resolvi mudar de tática. Tentei provocá-la para que tocasse em mim.

Estremeço ao me lembrar bem demais daquele dia no quarto azul. Quando ele me provocou e me manipulou, e eu estive tão perto de feri-lo. Warner havia enfim encontrado as coisas certas para dizer e me ferir o suficiente a ponto de eu querer revidar.

E eu quase revidei.

Ele inclina a cabeça. Expira um ar profundo e derrotado.

– Mas também não funcionou, e logo comecei a perder de vista meu propósito original. Fiquei tão obcecado por você que esqueci por que eu inicialmente a trouxe à base. Fiquei frustrado por você não ceder, por recusar-se a explodir mesmo quando eu sabia que você queria. Mas, toda vez que eu me pegava pronto para desistir, você tinha aqueles momentos – diz, negando com a cabeça. – Tinha aqueles momentos incríveis nos quais finalmente mostrava um pouco da sua força crua e desenfreada. Era incrível. – Ele para. Encosta o corpo à parede. – Mas aí você sempre recuava. Como se sentisse vergonha. Como se não quisesse reconhecer os sentimentos que existiam dentro de si. Então, mudei outra vez de tática. Tentei outra opção. Uma coisa que eu tinha certeza de que a empurraria além do seu limite. E, devo dizer, foi tudo o que eu esperava. – Warner sorri. – Você pareceu realmente viva pela primeira vez.

Minhas mãos de repente ficam frias como gelo.

- A sala de tortura - arfo.

Seis

– Imagino que você chame por esse nome. – Warner dá de ombros. – Nós chamamos de câmara de simulação.

– Você me fez torturar aquela criança! – exclamo, raiva e fúria geradas por aquele dia ganhando força dentro de mim. Como eu poderia esquecer o que ele fez? O que me forçou a fazer? As memórias horríveis que me forçou a reviver em nome de seu entretenimento. – Nunca o perdoarei por aquilo – esbravejo, a voz respingando ácido. – Nunca vou perdoá-lo pelo que fez com aquele menininho. Pelo que me forçou a fazer com ele!

Warner franze o cenho.

– Perdão... o quê?

– Você estava disposto a sacrificar uma criança! – Minha voz agora sai trêmula. – Pelos seus joguinhos idiotas! Como pôde fazer uma coisa tão desprezível? – Jogo meu travesseiro contra ele. – Seu doente, seu sem coração. Seu *monstro*!

Warner segura o travesseiro quando atinge seu peito, encarando-me como se nunca antes tivesse me visto. Mas parece compreender alguma coisa enquanto o travesseiro cai de suas mãos. Cai no chão.

– Ah... – fala muito lentamente. Está com os olhos fechados bem apertados, tentando esconder seu bom humor. – Ah, você ia me

matar – diz, agora rindo abertamente. – Acho que não posso suportar isso...

– Do que você está falando? Qual é o seu problema? – exijo saber.

Ele continua sorrindo ao dizer:

– Conte para mim, meu amor. Conte o que exatamente aconteceu naquele dia.

Fecho os punhos, ofendida por sua irreverência e tremendo com uma raiva renovada.

– Você me deu roupas horríveis e curtas para vestir! Depois me levou aos pisos mais baixos do Setor 45 e me trancou em uma sala velha e suja. Eu lembro perfeitamente – relato, esforçando-me para me manter calma. – Tinha paredes amarelas asquerosas. Um carpete verde e surrado. Um espelho transparente.

Warner arqueia a sobrancelha, acena para que eu prossiga.

– Depois... apertou algum interruptor – continuo, forçando-me a seguir falando. Não sei por que estou começando a duvidar de mim. – E aquelas lanças enormes de metal começaram a sair do chão. E aí... – Hesito, preparando-me. – Uma criança entrou. Estava com os olhos vedados. E você disse que era o seu representante. Disse que, se eu não o salvasse, você também não salvaria.

Warner agora me observa atentamente. Estuda meus olhos.

– Tem certeza de que eu falei isso?

– Sim.

– Mesmo? – Inclina a cabeça. – Sim, você estava de olhos abertos quando me viu dizer isso?

– N-não – respondo agilmente, pegando-me na defensiva. – Mas tinha alto-falantes... Eu ouvia a sua voz.

Ele respira fundo.

– Sim, é claro.

– Eu *ouvi* – reforço.

– E aí, o que aconteceu depois que me ouviu?

Engulo em seco.

– Eu tinha que salvar o menino. Ele morreria. Não conseguia ver aonde estava indo e seria perfurado por aquelas lanças. Eu precisava pegá-lo nos braços e tentar encontrar um jeito de segurá-lo sem matá-lo.

Um instante de silêncio.

– E conseguiu? – Warner indaga.

– Sim – sussurro, incapaz de entender por que está me perguntando isso; afinal, Warner viu com os próprios olhos tudo o que aconteceu. – Mas o menino desmaiou. Ficou temporariamente paralisado em meus braços. E aí você apertou outro interruptor e as lanças sumiram. Eu o coloquei no chão e ele... ele começou a chorar outra vez e tocou nas minhas pernas expostas. E começou a gritar. E eu... eu fiquei com tanta raiva de você...

– Aí você arrebentou o concreto – Warner lembra com um leve sorriso esboçado nos lábios. – Você arrebentou a parede de concreto só para tentar me matar enforcado.

– Você mereceu – ouço-me dizer. – Merecia coisa pior ainda.

– Bem... – ele suspira. – Se eu de fato fiz o que você falou que eu fiz, certamente soa como se eu merecesse.

– Como assim, se você fez? Eu *sei* que fez...

– Tem certeza?

– É claro que tenho!

– Então me diga, meu amor, o que aconteceu com o menino?

– O quê?

Sinto pingentes de gelo se arrastando por meus braços.

– O que aconteceu – ele insiste – com o menino? Você diz que o colocou no chão, mas aí quebrou a parede de concreto, uma parede que tinha um espelho enorme. E aparentemente não se importou com a criança que, segundo você, vagava pela sala. Não acha que o pobrezinho poderia ter se ferido com algo tão selvagem e descuidado? Meus soldados certamente saíram feridos. Você arrebentou uma parede de concreto, meu amor. Estilhaçou um espelho enorme. Não parou para avaliar onde os blocos ou os cacos caíram ou quem pode ter se ferido no processo. – Warner fica em silêncio por um instante e me encara. – Parou?

– Não – arfo, sentindo-me como se estivesse perdendo todo o meu sangue.

– Então o que aconteceu depois que você foi embora? – pergunta. – Não lembra dessa parte? Você deu meia-volta e saiu logo depois de destruir a sala, ferir meus homens e me jogar no chão. Você se virou e foi embora imediatamente.

Agora estou entorpecida pelas memórias. É verdade. Fiz exatamente isso. Não pensei. Só sabia que precisava sair daquele lugar o mais rapidamente possível. Precisava ir embora, esfriar a cabeça.

– Então, o que aconteceu com o menino? – Warner insiste. – Onde ele estava quando você foi embora? Chegou a vê-lo? – Arqueia as sobrancelhas. – E as lanças? Tomou o cuidado de olhar o chão para ver de onde elas poderiam ter vindo? Atentou-se ao fato de elas furarem o chão sem provocar danos ao carpete? Sentiu a superfície sob o seus pés se abrindo ou ficando irregular?

Agora respiro com dificuldade, esforço-me para permanecer calma. Não consigo afastar meu olhar do dele.

– Juliette, meu amor – ele fala baixinho. – Não tinha alto-falantes naquela sala. Aliás, ela é totalmente à prova de som, equipada apenas com sensores e câmeras. É uma câmara de simulação.

– Não – arfo, recusando-me a acreditar. Sem querer aceitar que estava errada, que Warner não é o monstro que eu pensei. Ele não pode mudar as coisas agora. Não pode me confundir assim. Não é para ser desse jeito. – Não é possível...

– Eu sou culpado por tê-la forçado a passar por uma simulação tão cruel – admite. – Aceito a culpa por isso e já pedi perdão pelas minhas ações. Eu só queria forçá-la a enfim reagir e sabia que recriar uma coisa daquele tipo rapidamente desencadearia alguma reação em você. Mas, santo Deus, meu amor... – Ele nega com a cabeça. – Você deve ter uma imagem absurdamente horrível de mim, se acha que eu roubaria o filho de alguém só para vê-la torturar uma criança.

– Não foi real? – Sequer reconheço minha voz rouca, em pânico.
– Não foi de verdade?

Ele me oferece um sorriso compassivo.

– Eu criei os elementos básicos da simulação, mas a beleza do programa é que ele se desenvolve e se adapta conforme as respostas mais viscerais do soldado. Nós o usamos para treinar homens que precisam superar medos específicos ou se prepararem para uma missão particularmente complicada. Somos capazes de recriar quase qualquer ambiente – explica. – Até os soldados que sabem em que estão se metendo esquecem que estão em meio a uma simulação. – Evita olhar direto para mim. – Eu sabia que seria aterrorizante para você, mas mesmo assim fui em frente. E, por tê-

la ferido, eu realmente me arrependo. Mas não... – Agora me olha nos olhos e fala baixinho outra vez. – Nada daquilo foi real. Você imaginou a minha voz naquela sala. Imaginou a dor, os barulhos, os cheiros. Tudo estava na sua mente.

– Não quero acreditar em você – retruco, minha voz apenas um sussurro.

Ele tenta sorrir.

– Por que acha que entreguei aquelas roupas para você? – pergunta. – O tecido estava forrado com um composto químico criado para reagir com os sensores daquela sala. E, quanto menos você vestisse, mais facilmente as câmeras seriam capazes de acompanhar o calor do seu corpo, seus movimentos. – Nega com a cabeça. – Depois não tive a oportunidade de explicar o que você viveu ali dentro. Eu quis acompanhá-la imediatamente, mas achei melhor dar algum tempo para você se recuperar. Foi uma decisão idiota da minha parte. – Seu maxilar fica tenso. – Eu esperei, não devia ter esperado. Porque, quando a encontrei, era tarde demais. Você estava pronta para pular pela janela e se livrar de mim.

– Eu tinha bons motivos para isso – irrito-me.

Ele ergue as mãos, como se estivesse se rendendo.

– Você é uma pessoa *horrível*! – explodo, lançando os outros travesseiros em seu rosto, furiosa, assombrada e humilhada, tudo ao mesmo tempo. – Por que me fez passar por algo assim se *sabia* o que eu já tinha enfrentado, seu idiota, seu arrogante...?

– Juliette, por favor – diz, dando um passo à frente, desviando de um travesseiro para segurar meus braços. – Eu sinto muito por feri-la, mas realmente achei que valesse a pena...

– Não toque em mim! – Afasto-me, olhos arregalados, agarrando

o pé da cama como se fosse uma arma. – Eu devia atirar outra vez em você por ter feito aquilo comigo! Eu devia... eu devia...

– O quê? – Warner dá risada. – Vai jogar outro travesseiro em mim?

Empurro-o com força, mas, quando ele não se mexe, começo a dar socos. Vou atingindo seu peito, seus braços, o abdome, as pernas, onde quer que eu consiga tocar, desejando mais do que nunca que ele fosse incapaz de absorver a minha força, desejando realmente poder amassar todos os ossos de seu corpo e fazê-lo gemer de dor sob as minhas mãos.

– Seu... monstro... egoísta!

Continuo lançando os punhos em sua direção, sem mirar, sem perceber o quanto o esforço me deixa exausta, sem me dar conta de quão rapidamente a raiva se transforma em dor. De repente, só sinto vontade de chorar. Meu corpo treme com alívio e terror, enfim liberto do medo de eu ter causado algum dano irreparável a uma criança e, ao mesmo tempo, horrorizado por Warner me forçar a fazer uma coisa tão terrível. Para me *ajudar*.

– Eu sinto muito, de verdade – insiste, dando um passo mais para perto. – Sério, mesmo, desculpa. Eu não a conhecia naquela época. Não como a conheço hoje. Jamais faria algo assim com você agora.

– Você não me conhece – murmuro, secando as lágrimas. – Você acha que me conhece só porque leu o meu diário... seu idiota, bisbilhoteiro, invasor de privacidade... seu *filho de uma puta*...

– Ah... Por falar nisso... – Ele sorri outra vez, uma mão rapidamente puxando o diário enquanto se aproxima da porta. – Receio que ainda não tenha terminado de ler.

– Ei! – eu protesto, tentando alcançá-lo enquanto se distancia. –

Você disse que me devolveria!

- Eu não falei nada disso - retruca, parecendo derrotado, jogando o diário no bolso de sua calça. - Agora, por favor, espere um momento aqui. Vou procurar algo para você comer.

Ainda estou gritando quando ele passa pela porta e a fecha.

Sete

Caio de costas na cama.

Libero um ruído furioso do fundo da garganta. Empurro um travesseiro contra a parede.

Preciso fazer alguma coisa. Preciso começar a agir.

Preciso terminar de esboçar um plano.

Passei tanto tempo na defensiva e correndo que, a essa altura, minha mente com frequência anda ocupada com sonhos elaborados e desesperados envolvendo derrubar o Restabelecimento. Passei a maior parte dos meus 264 dias naquela cela fantasiando justamente esse tipo de momento impossível: o dia em que eu seria capaz de cuspir pela janela na cara daqueles que oprimiram a mim e a todos os demais. E, embora eu sonhasse com um milhão de cenários diferentes nos quais me levantaria para me defender, nunca cheguei a realmente pensar que teria uma chance de fazer acontecer. Nunca imaginei que teria o poder, a oportunidade ou a coragem.

Mas agora?

Todos se foram.

Talvez eu seja a única que sobrou.

No Ponto Ômega, fiquei contente em deixar Castle liderar. Eu não sabia muito, não sabia quase nada e ainda me via receosa

demais para agir. Castle já estava no comando e tinha um plano, então acreditei que ele soubesse qual era o melhor caminho a seguir; que ele sabia o que era melhor.

Um erro.

No fundo, eu sempre soube quem deveria liderar essa resistência. Senti-me em silêncio por muito tempo, sempre amedrontada demais para deixar as palavras chegarem aos meus lábios. Alguém que não tem nada a perder e tudo a ganhar. Alguém que não teme mais ninguém.

Não era Castle. Não era Kenji. Não era Adam. Nem mesmo Warner.

Era para ser eu.

Olho atentamente para a minha roupa pela primeira vez e percebo que devo estar usando mais das peças velhas de Warner. Estou me afundando em uma camiseta alaranjada desbotada e calças de moletom cinza que quase caem do quadril toda vez que fico em pé. Reservo um instante para recuperar o equilíbrio, avaliando a minha altura no tapete espesso e macio sob meus pés descalços. Viro a cintura da calça algumas vezes, até elas se ajeitarem no osso do quadril, e então puxo o tecido extra da camiseta e dou um nó em minhas costas. Pego-me vagamente consciente de que devo estar com uma aparência ridícula, mas ajustar as roupas ao corpo me oferece uma pitada de controle, e me apego a esse controle. Faz-me sentir um pouco mais acordada, um pouco mais no comando da situação. Agora só preciso de um elástico. Meus cabelos parecem pesados demais, parecem me sufocar, e vejo-me desesperada por afastá-los do pescoço. Para dizer a verdade, estou desesperada por um banho.

Dou meia-volta ao ouvir o barulho da porta.

Sou flagrada no meio de um pensamento, segurando os cabelos erguidos com as mãos para improvisar um rabo de cavalo. E, de repente, vejo-me agudamente consciente de que não estou usando roupa íntima.

Warner vem segurando uma bandeja.

Ele me encara sem piscar. Seu olhar desliza por meu rosto, pescoço, braços. Pousa na cintura. Sigo seus olhos só para me dar conta de que meus movimentos fizeram a bainha da camiseta se erguer, deixando meu abdome exposto, e imediatamente percebo por que ele está olhando tão fixamente.

A memória de seus beijos em meu torso, suas mãos explorando minhas costas, minhas pernas nuas, a área atrás das coxas, os dedos se perdendo no elástico da calcinha...

Ah!

Solto as mãos e os cabelos ao mesmo tempo, as ondas castanhas caindo pesadas e rápidas em volta de meus ombros, minhas costas, alcançando a cintura. Meu rosto está em chamas.

Warner de repente parece hipnotizado por um ponto logo acima da minha cabeça.

– Acho que preciso cortar os cabelos – digo para ninguém específico, sem sequer entender por que estou falando isso.

Não quero cortar meus cabelos. Quero me trancar no banheiro.

Ele não responde. Traz a bandeja para perto da cama e só depois que avisto os copos de água e os pratos de comida me dou conta de quão faminta estou. Não consigo lembrar quando foi a última vez que comi alguma coisa. Ando sobrevivendo da recarga de energia que recebi quando fui curada.

– Sente-se – ele convida, mas sem me olhar nos olhos.

Assente para o chão antes de se sentar no tapete. Ajeito-me à sua frente. Ele empurra a bandeja na minha direção.

– Obrigada – agradeço, olhos concentrados na refeição. – Está com uma cara deliciosa.

Tem uma salada e um arroz fragrante e colorido. Batatas picadas e temperadas, além de uma pequena porção de legumes cozidos. Uma porção de pudim de chocolate. Uma tigela de frutas frescas. Dois copos de água.

É uma refeição que teria me feito fechar a cara logo que cheguei.

Se eu soubesse o que sei agora, teria tirado vantagem de todas as oportunidades que Warner me deu. Teria aceitado a comida e as roupas. Teria aumentando minha força e prestado muita atenção quando ele me mostrasse a base. Buscaria rotas de escape e desculpas para andar pelos complexos, e depois sairia correndo. Encontraria um jeito de sobreviver sozinha. E jamais teria levado Adam comigo. Jamais teria me enfiado e enfiado tantas outras pessoas no meio dessa enrascada.

Quem me dera ter comido aquela maldita comida.

Eu era uma menina amedrontada, arrasada, combatendo do único jeito que sabia combater. Não é de se impressionar que eu tenha fracassado. Eu não conseguia pensar direito. Estava fraca, aterrorizada e cega à ideia de possibilidade. Não tinha experiência com discrição ou manipulação. Mal sabia interagir com as pessoas – mal conseguia entender as palavras em minha cabeça.

Fico chocada só de pensar em quanto mudei nesses últimos meses. Sinto-me uma pessoa completamente diferente. Mais esperta. Mais forte, sem dúvida. E, pela primeira vez na vida, estou

disposta a admitir que sinto raiva.

É libertador.

Ergo o rosto bruscamente, sentindo o peso do olhar de Warner. Ele me encara como se estivesse intrigado, fascinado.

– Em que estava pensando? – pergunta.

Com o garfo, perfuro um pedaço de batata.

– Estou pensando que fui uma idiota por ter recusado até mesmo um prato de comida quente.

Ele arqueia a sobrancelha para mim.

– Não posso dizer que discordo.

Lanço um olhar fulminante em sua direção.

– Você estava tão arrasada quando chegou aqui – continua, respirando fundo. – Eu fiquei tão confuso. Esperava o momento de vê-la enlouquecer, estava pronto para vê-la pular na mesa do jantar e começar a golpear meus soldados. Tinha certeza de que você tentaria matar todo mundo, mas, em vez disso, foi teimosa e agiu como uma mimada, recusando-se a tirar suas roupas imundas, sempre reclamando para comer seus legumes.

Fico corada.

– Num primeiro momento – Warner prossegue, rindo –, pensei que estivesse tramando alguma coisa. Pensei que estivesse fingindo ser complacente só para que eu não desconfiasse de algum objetivo maior. Pensei que sua raiva por coisas tão pequenas era parte de um plano – relata enquanto seus olhos zombam de mim. – Imaginei que só podia ser.

Cruzo os braços na altura do peito.

– A extravagância era asquerosa. Tanto dinheiro desperdiçado